

MAR 74

informação associativa - 7

S. N. E. - Serviço de Notícias Estudantil - A. E. F. C. L.

Preço 1\$50

RUA COM OS PROVOCADORES DA DIRECÇÃO DA UNICEP

A Direcção da Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto a pretexto de combate a uma vaga de roubos de livros, publicou recentemente no "Roda Viva", boletim da Cooperativa, o nome de vários estudantes, que afirmam serem alguns dos ladrões.

Sobre isto nada temos a dizer! Não dispomos de dados para ajuizar da justiça ou não destas acusações, nem aliás a Informação Associativa se encontra investido da missão de resolver os problemas de cada cooperativa ou de cada associação.

2. Só que a Direcção da Unicep, à frente do nome de um dos acusados, ostensivamente, indica uma lista associativa a que ele pertence!

Só que a Direcção da Unicep rapidamente ultrapassa as acusações que fizera a indivíduos, para insinuar envolvimento no roubo (?) das orientações sindicais com que simpatizam os colaboradores acusados!

Só que a Direcção da Unicep, brinda os colaboradores que acusa, bem como essas orientações sindicais, com os epítetos de "esquerdistas de pacotilha", "grupos da nossa praça", que seriam "contra a propriedade (vada?) e se vangloriam de desenvolver "labor revolucionário"!

Só que a Direcção da Unicep escarrapa - cha, no tal Boletim o nome do livro de cujo roubo acusa um dos colaboradores citados, livro que apresenta uma posição quanto à presente polémica no movimento operário internacional, e que explicita uma linha política!

E sobre isto temos muito a dizer!

Sobre o uso por "alguns", à laia de argumentos, da insinuação de simpatias de X ou Y pela linha política Z ou W, sobre o facto de "em certos meios" campar tal prática, mi serável da provocação política, sobre isto, a Informação Associativa e aliás todos os estudantes, devem tomar posição, desmascarando-a como aliada na repressão ao nosso movimento, da polícia, dos pides e dos torturadores de Caxias, varrendo inexoravelmente os provocadores!

3. O que a Direcção da Unicep faz é igual às insinuações do governo ao procurar justificar as suas medidas repressivas e lançar o descrédito e a confusão do movimento associativo perante a população e os estudantes menos esclarecidos. São os jornais burgueses, os discursos dos ministros ou dos deputados, os comunicados das organizações políticas fascistas como a "Frente Universitária

(continua na pag 7)

A PALAVRA AO POVO DE VIEIRA EM LUTA

A fábrica de Limas de Vieira de Leiria emprega a grande maioria dos trabalhadores da região. É dela que depende o pão de centenas de famílias de Vieira.

Desde há muitos anos que a riqueza do seu dono (Tomé Feteira) se tem erguido à custa dos elevados ritmos de produção que impõe aos operários, e dos salários de fome que lhes paga (1).

E, sempre que um novo Contrato Colectivo de Trabalho o obriga a aumentar os ordenados, ele despede centenas de operários, obrigando os restantes a uma produção cada vez maior.

Estando, neste momento, em negociações um Contrato Colectivo de Trabalho dos Metalúrgicos em que o sindicato propõe salários mínimos de 6.000\$00, o Tomé Feteira tentou ludibriar os trabalhadores, prometendo-lhes um aumento de 25% este ano e mais 10% no início do próximo, caso eles se declarassem desligados do C.C.T. que irá sair.

Mas, os trabalhadores de Vieira não se deixaram ludibriar. É assim que, a partir do dia 5 de Fevereiro, e durante mais de um mês paralizaram, com o apoio firme do Po

(1) A maioria dos trabalhadores são homens e ganham em média 2600\$00 mensais; as mulheres recebem 40\$00 diários.

vo de Vieira, toda a actividade da fábrica.

Foram principalmente as mulheres que às centenas (cerca de mil), vindas de Vieira ou dos arredores, desde o dia 21 de Fevereiro se mantiveram ali durante todo o dia.

Muitas delas são mães, irmãs ou mulheres dos operários.

E, sempre que corria o boato de que algum dos da "cor do patrão" se preparava para entrar muito cedo na fábrica elas imediatamente passavam palavra e para lá iam, se preciso toda a noite, decididas a impedi-los de entrar.

A paralização da fábrica só terminou (no dia 7 de Março), quando o Tomé Feteira cedeu perante os operários.

No dia 5 de Fevereiro de manhã, Secção após secção, os operários paralizaram completamente a fábrica, entram em greve geral mantendo-se lá dentro até à hora do almoço. Ao voltarem, no início da tarde, encontram os portões da fábrica fechados por ordem do patrão.

Ainda no dia 5 é afixada no muro da fábrica uma declaração elaborada pelo Tomé Feteira que (segundo ele) todos os operários deveriam assinar e em que reconheciam ter feito greve, aceitavam ser despedidos e perdiam readmissão sem aumento de salários.

Com esta declaração o patrão queria despedir sem qualquer indemnização quem lhe aproovesse, fazer perder todas as regalias que a antiguidade dava aos operários e manter os salários baixos. Mas os operários não hesitaram: decidiram de imediato recusar-se a assinar, mantendo firmemente tal posição.

Ao mesmo tempo, o patrão convidava alguns trabalhadores - bem conhecidos entre todo o Povo de Vieira como lambe-botas e la caios do Feteira - a voltarem ao trabalho enquanto continua a impedir à maioria dos operários o acesso à fábrica. Cerca de 100 indivíduos (fundamentalmente empregados de escritório) furaram a greve durante alguns dias.

No dia 21, quando os trabalhadores se preparavam para irem em camionetas a Lisboa Vieira foi completamente cercada por GNR e polícia de choque vinda da Marinha Grande, Leiria e Coimbra. Espalhados pelas estradas e pelos pinhais, os polícias não deixaram que ninguém saísse da vila e impediram as-

(continua na pag 3)

NESTE NUMERO

- „O povo de Vieira em luta pag 1, 3, 4 e 5
- „A direcção da Unicep faz provocações pag 1, 7 e 8
- „A luta dos estudantes do Porto... pag 2
- „Estudantes Presos pag 6
- „Informações de Lisboa pag 7

INFORMAÇÕES DO PORTO

OS ESTUDANTES DO PORTO SABERÃO COMBATER A MILITARIZAÇÃO DAS SUAS ESCOLAS

Tal como sucede em Lisboa, também no Porto a polícia permanece diariamente nas ruas. Faculdades, são suspensos dezenas de estudantes, aperta-se cada vez mais o controle sobre o que se passa dentro das escolas.

Cada vez mais as Universidades perdem o seu aspecto de "Templos das Ciências e Artes" e assumem um aspecto mais de acordo com o que se passa na sociedade portuguesa: o de locais onde, como nas fábricas e nas ruas, toda a reunião e discussão é proibida e de locais onde a ferro e fogo se reprimem todos aqueles que se erguem em defesa da causa do Povo.

Se antigamente a polícia intervinha a pedido dos directores e profs. apenas em períodos mais acesos de luta, se os conflitos, embora "topados" como "bafos", se limitavam a uma ou outra acção esporádica, se só ocasionalmente eram suspensos estudantes, actualmente nada disso se passa: agora, no dia-a-dia, as autoridades tentam impor um controle férreo sobre tudo o que se passa nas aulas e corredores, e as medidas repressivas tomadas em períodos mais acesos de luta não abrandam e mantêm-se constantemente.

Se antigamente a polícia, as suspensões e todas as proibições das autoridades só

surgiam nas escolas onde havia fortes lutas actualmente o que se passa é bem diferente: mesmo em escolas com um movimento associativo relativamente fraco a militarização se instala com armas e bagagens.

As lutas até agora por nós travadas punham o governo de sobreaviso em relação ao movimento dos estudantes. Estando os grupos sociais dominantes a braços com uma crise que a cada dia se agrava (derrotas sucessivas na guerra colonial, o aumento do custo de vida e a resistência cada vez mais tenaz que os trabalhadores lhe opõem, a competição imposta pelos países capitalistas estrangeiros) sentem-se obrigados a tomar medidas cada vez mais duras contra todas as movimentações que (como as por nós realizadas) ponham em causa a sua política e lhes possam vir a ser ainda mais incómodas com o agravamento da crise que a sociedade portuguesa atravessa. Daí que o governo se veja na necessidade de "pôr em dia" a repressão ao nosso movimento, tomando em relação aos estudantes algumas das medidas que, afinal, sempre utilizou contra o Povo Português.

É pois porque nas lutas que travamos fazemos nossos os objectivos do Povo, é pois porque essas lutas não são de meia-dúzia de

agitadores (para grande desespero do governo e dos senhores da CDE) (1), é pois porque o governo teme que as nossas lutas lhe façam aumentar as dores de cabeça à medida que a crise da sociedade portuguesa se agrava, que a todo o custo tenta exercer um controle férreo sobre tudo o que se passa na Universidade (como aliás sempre tentou, de um modo ainda mais feroz sobre a luta do Povo Português).

Na Faculdade de Ciências do Porto, em Letras e em Belas-Artes existem corpos permanentes de "vigilantes" prontos a "bufarem" tudo o que se passa; em Medicina, a polícia permanece de manhã à noite, intervindo contra qualquer reunião (de curso inclusivé), distribuição de comunicados, etc.. A seguir se descreve a maneira como os estudantes do Porto têm enfrentado a militarização das suas escolas, com particular destaque para a luta dos estudantes de Medicina, que é exemplar para todos os estudantes portugueses.

(1) - Lembre-se a entrevista do candidato pela Oposição Democrática, Aarons de Carvalho, onde ele afirmava que o movimento estudantil era obra de meia-dúzia de indivíduos ante a passividade dos restantes.

Medicina

EM Medicina do Porto, o Movimento Associativo sofreu um nítido impulso durante o ano passado. O trabalho associativo saiu do marasmo em que há muitos anos se encontrava, passando os estudantes a encarar o trabalho associativo como algo que lhes diz directamente respeito e em que passaram a participar activamente ao contrário do que até então acontecia.

A partir do ano passado as paredes do BAR encheram-se de cartazes, a informação passou a ser amplamente divulgada, multiplicaram-se as reuniões e as discussões nas aulas e nos corredores. Actualmente, a vigilância da polícia e da bufaia tem-se multiplicado na tentativa de contrariar os progressos conseguidos nos últimos tempos.

Uma parte importante de toda a actividade centrava-se no BAR, devido ao sucessivo encerramento das instalações associativas existentes, em 1971, dos anfiteatros e salas (fora das horas de aulas).

Desde o início, as autoridades procuraram levantar obstáculos, procuraram que a simpatia crescente que os estudantes de Medicina mostravam pelo movimento associativo se transformasse numa firme adesão. Já durante a campanha eleitoral do ano passado, as autoridades mandaram um grupo de continuos-pides chefiados por 2 professores (o Abel Faveas e o Serafim Guimarães) arrancar os cartazes do BAR.

No dia seguinte um numeroso grupo de estudantes afixou e defendeu novos cartazes correndo com a "bufaria". No mesmo dia, ao fim da manhã houve uma HGA onde os estudantes afirmaram inequivocamente a sua decisão de garantir a livre informação, tomando as medidas necessárias para proteger os cartazes. Perante a resposta dos estudantes, as autoridades recuaram e foi possível utilizar o BAR durante todo o ano. Os 4 processos disciplinares que as autoridades aplicaram na altura foram mantidos na gaveta durante largos meses, acabando por só sair agora (depois da ocupação policial da faculdade).

...APESAR DE A POLÍCIA ESTAR NA FACULDADE...

No início deste ano o Bar foi encerrado durante a maior parte da manhã, abrindo só durante os almoços. Iniciou-se então a luta pela sua abertura e contra os processos disciplinares. As autoridades, decididas a evitar que se repetisse o que aconteceu o ano passado, recorreram aos "grandes meios" chamaram a polícia que ocupou a faculdade e suspenderam mais alguns estudantes.

Mas os estudantes de Medicina, não cruzaram os braços!

O alargamento e o reforço do movimento associativo se tinha conseguido durante um ano de trabalho, traduziu-se numa série de acções nunca antes vista em qualquer escola do Porto. Estas acções mostraram claramente que já lá vai o tempo em que os estudantes do Porto acreditavam nas boas intenções das autoridades e, esperavam a resolução dos seus problemas com abalo-assina-dos e pedidos feitos ao governo. Pelo contrário: Quando a polícia invadiu o hospital (Medicina), decorria uma greve de protesto contra os processos disciplinares e o encerramento do Bar, prendem 6 colegas de um piquete; mais de cem estudantes concentraram-se e, arrombando as instalações do CE agarraram o director (o Álvaro Rodrigues) que tremia como varas verdes exigindo a saída da polícia e a libertação dos colegas presos. Entretanto a polícia chegou conseguindo cercar 30 estudantes. Estes enfrentaram corajosamente a polícia e conseguiram romper o cerco e desaparecer, depois de darem uns "abanoes" ao director-bufo.

Desde então, a polícia tem ocupado diariamente a Faculdade desde as 8 da manhã até às 7 da tarde. Os polícias fazem rondas, arrancam cartazes, impedem reuniões (até reuniões de curso e de colaboradores) e prendem estudantes (recentemente foram detidos mais quatro colegas).

Perante as prisões dos seus camaradas os estudantes têm tomado uma posição firme fazendo todos os esforços de os libertar, ape-

dreando a polícia que quando das duas últimas prisões responderam ao apedrejamento disparando 4 tiros.

Apesar da polícia estar na faculdade os estudantes têm feito reuniões, distribuído comunicados, afixado cartazes. Conseguiram mesmo fazer as eleições para a direcção, com uma grande participação (votaram 1035 estudantes).

A polícia na Faculdade não conseguiu acabar com o Movimento Associativo e por desas das autoridades, a determinação dos estudantes de Medicina em continuarem a sua luta, em combaterem firmemente a política governamental de militarização, em não deixarem esmagar o seu movimento, cresceu ainda mais.

Os estudantes de Medicina apercebem-se claramente de que no momento em que os directores e CEs mostram a sua verdadeira face, chamando a polícia e os gorilas, suspendendo e expulsando colegas seus, só com a sua força organizada e consciente se lhes poderão opor.

... APESAR DA ACTIVIDADE SABOTADORA DE ALGUNS ESTUDANTES...

ora se é no sentido atrás apontado que os estudantes de medicina devem orientar os seus esforços, estudantes há que, pelas suas acções acabam por vir auxiliar a acção dos polícias e directores, pois espalham ilusões sobre a maneira de enfrentar as autoridades, e sobre o papel que elas desempenham, chegando até a sabotar decisões democráticamente tomadas pelos estudantes.

Durante toda a luta eles fizeram tudo ao seu alcance para a travar, desde boicotar descaradamente as decisões dos estudantes, como qualquer fuga, lançarem calúnias sobre o MA como faz o governo.

E, a sua acção foi em certos aspectos, mais eficaz que a da polícia; como muitos estudantes ainda não compreenderam claramente o seu papel eles têm campo suficiente para o cumprir mais ou menos impunemente.

(continua na pag. 6)

sim as mulheres, que diariamente saíam para os arredores vender peixe, de irem trabalhar.

É então que elas principalmente mulheres de Vieira de Leiria (a 3 Km de Vieira) se dirigem para a fábrica e, acompanhadas por centenas de outras vindas dos arredores

impedem, sempre que preciso pela força, que "os da cor do patrão" traíam os operários.

A fábrica de Linas empregava a quase totalidade dos homens de Vieira. Com o seu encerramento e com o grande policiamento da vila, pretendia o Albano Tomás Feteira que

a fome e o medo reinassem nas casas dos trabalhadores.

Mas a realidade existente em Vieira é bem contrária à que ele desejaria.

FALA O POVO DE VIEIRA

Nós já tínhamos tido calma até demais!

Operário: "Depois, eram 10.30, veio o sub-delegado de trabalho".

Mulher: "E (uma mulher) pôs-se à frente dele para não deixar o carro dele passar (...) e ele (o sub-delegado) disse: 'Ah, deixem-me passar que eu já vou tratar disso. Calma!' E a gente dizia-lhe que fartas já estávamos nós, que eles só diziam para termos calma. Nós já estávamos saturadas, já tínhamos tido calma até demais...!"

Parámos porque de há um ano para cá a vida subiu 80% e o nosso ordenado não subiu

Operário: "O delegado de trabalho chegou à secção das máquinas e perguntou por que é que o pessoal parou. O pessoal respondeu que o pessoal estava parado porque o custo de vida estava a aumentar que era uma coisa louca, de maneira que os trabalhadores da empresa de Linas queriam que lhes dessem mais 'alguém', até que saísse o novo contrato de trabalho.

Operário: "Nós parámos porque queríamos ou 20, ou 30, 25 ou 40% mais no ordenado, porque a vida está muito cara, talvez de há um ano para cá já subiu 80% e o nosso ordenado não subiu".

O sub-delegado percorreu a fábrica perguntando: "então quem é que os mandou parar?"

Diz um operário: "E ele (o operário inquirido) respondeu: 'A mim ninguém me mandou parar. Eu vi os outros parar e parei também'."

Outros operários: "Eu parei. Vi os outros parar e parei dentro da nossa secção. E todos assim sucessivamente".

"Eu parei, mas ninguém me mandou parar, parei porque vi os outros parar".

E eu disse ao patrão que não assinava...

Um operário conta uma conversa entre Albano Tomás Feteira, o sub-delegado e alguns operários: " (...) ele (Albano Tomás Feteira) disse: 'Uma coisa é certa. Vocês para trabalharem têm que entrar como novos e têm que me assinar uma declaração que fica em meu poder, em como vocês foram grevistas'. E eu disse que não".

Operário: "A declaração, ou seja, a pena de morte".

Operário: "Tenho lá colegas meus já homens com uma certa idade, que têm 53 anos de casa e agora encontram-se assim, de um momento para o outro, na rua".

Operário: "Ele agora manda-os embora, dá-lhes um pontapé no cu, e manda-os embora sem mais".

Operário: "E o patrão disse: 'ninguém vai trabalhar porque o portão vai fechar para todos'. E o sub-delegado ouviu e calou".

Operário: "Apitou a fábrica ao meio-dia, a malta saiu, viemos almoçar. No regresso, ao chegar, vimos o portão fechado. Fechou o portão para todos".

Operário: "É claro, passado um dia, dia e meio, dois dias, até três dias, começou a chamar estes e aqueles, lá os da tua dele (...). Passados três dias começaram a entrar e estiveram a trabalhar duas semanas".

De certeza que isto não fica assim. Não fica tanta gente sem pão por via de um!

Operário: "(no dia 21) já tínhamos os carros prontos para o pessoal ir todo a Lisboa, uma média de 500 operários (...) iam de camioneta todos. A polícia, informada pelo senhor Tomás Feteira, proibiu-nos de sair, nós tentamos na mesma ir, de com boio, mesmo assim conseguiram-nos cortar as pernas, até proibiram os carros de praça do distrito de fazer serviço para o pessoal da Vieira".

Mulher: "Nós fomos daqui (da praia - Vieira de Leiria) na camioneta das 8 horas, depois chegámos a Vieira e vimos o povo para trás e para diante, pois tinham proibido as camionetas. E depois começaram umas a chamarem para um lado, outras para outro, e depois nós começámos a gritar e dissámos: 'se não vão de uma maneira, vão de outra. De certeza que isto não pode ficar assim. Não fica tanta gente sem pão por via de um, e depois o povo levantou-se e viemos para o portão da fábrica'."

A multidão do povo era muita...

Mulher: "Nós estávamos na estrada e vimos a explodir os que estavam a trabalhar, a lutar, a morder que a gozar ainda dos que estavam cá fora. Nós depois juntámo-nos cá fora e começámos a ameaçar: 'você já para aí não vão mais! Venham cá para fora, que já não vão mais'. Os que estavam lá dentro começaram a parar de trabalhar. Daí por uma hora vieram-nos dizer: 'Olhem, deixem-se estar descansados, não façam mais reclamação que o pessoal está todo parado'."

Vocês de tarde não põem os pés dentro da fábrica!

Mulher: "Mas depois a multidão do povo era muita e ao meio-dia já não saíram com medo de nós lhes batermos. Só saíram depois, às duas horas, mas já foi com os do Sindicato, e vinham lá os patrões também. E depois quando eles vinham a passar, nós começámos todas a clamar e a bater-lhes nas costas, mesmo: 'Vocês agora saíram, mas daqui a um bocadinho já não entram! Vocês são mortos! A gente despevos!!!' E a polícia ao pé da gente. 'Vocês de tarde não põem os pés dentro da fábrica!'"

Mulher: "e alguns diziam para a gente: 'este já não descansadas que nós já não en-

tramou'. E assim foi. Da parte da tarde alguns até não entraram lá dentro, mas outros insistiram ainda. Mas nós estávamos ao pé do portão da fábrica. Apitou lá as 5 e meia e nós lá...!"

Tenham amor ao vosso corpo...

Mulher: "No dia seguinte (22) levantámos - nos da Vieira de Leiria às 5 da manhã. Vieram-nos aqui dizer pessoas da Vieira que eles (os "furas") começavam (a entrar) às 6 horas, e nós tivemos que sair daqui às 5 para estarmos lá, porque eles chegavam às 5 e meia e tínhamos que os impedir de entrar, não é? Afinal os que estavam para entrar apareceram lá mesmo às 8 horas. Derrubámos ainda alguns doutorinhos que se queriam fazer lindos. Fizemos então barreiras, as mulheres..."

Mulher: "...E os que queriam entrar avançavam, mas as mulheres opunham-se com as mãos. Depois então eles ganharam medo e vieram um grupo de 30 ou mais".

Mulher: "Eles lembraram-se: 'Bem, são mulheres, e se nós fomos todos juntos conseguimos entrar.' Mas nós pusemo-nos assim: 'fódas agarradas umas às outras, e umas poucas à defesa do portão...'."

Mulher: "E agarrámo-los mesmo (...) à caudela, e então um grupo de 4 ou 5 ex-pó-lhes o caso a eles: 'Tenham amor ao vosso corpo! Olha que vocês são mortos! Olha que se não é hoje é outro dia'. E assim eles começaram então a ganharem mais... respeito".

Aqui mais ninguém entra!

Operário: "As mulheres opuseram-se mesmo à coisa, mesmo 'em forma', puseram-se em frente aos portões e disseram: 'Aqui mais ninguém entra!'. E a partir daí mais ninguém lá entrou... A não ser os patrões, apenas alguns, que houve outros que deram 'à sola', nunca mais por cá apareceram."

Os polícias de Coimbra é que eram dos mais rijos...

Mulher: "Na segunda-feira (27/2) queriam pôr nos de lá para fora, mas..."

Mulher: "Chegaram lá às quatro da manhã, foi quando lá chegou a primeira brigada. Eram duas horas quando passou o sargento da polícia".

Mulher: "...da guarda republicana".

Mulher: "E depois mais tarde é que começaram a chegar a polícia então. Uma de Leiria, uma da Marinha, outra de Coimbra.

Mulher: "Os de Coimbra é que eram dos mais rijos".

Mulher: "Diz que era a Polícia de Choque".

Nós não vamos Nós deixemo-nos estar!

Mulher: "É no domingo (26) então, nós fomos lá ficar às 11 horas da noite. Fomos ficar, não podíamos dormir com o frio e a geada a cair em cima de nós..."

Mulher: "Veio gente aí dos arredores todos. Mas a maior força é de Vieira."

E depois eram 4 da manhã nós tínhamos dividido umas quantas em grupos às entradas dos portões e nas encruzilhadas dos caminhos por onde eles haviam que passar. Onde estavam companheiras nossas lá em cima às portas da empresa.

E daí uma vem cá abaixo a gritar: "Ai, que estamos desgraçadas, oh raparigas, oh mulheres, estamos desgraçadas! Estão afeitos os carrinhos já com guardas! Nós estamos cercadas por ambos os lados!"

E eu e as minhas companheiras disse-mos: "Não faz mal, deixa vir!"

Ela disse: "Ai, vamos embora!"

E eu vou assim: "Não senhor, nós não nos vamos! Nós deixemo-nos estar!"

Depois, daí por um bocadinho (eram 5 menos um quarto) chegam um rancho deles, dirigiram-se a nós e disseram-nos que tínhamos que retirar donde estávamos, porque iam trabalhar 120 homens e os outros ficavam. Nós dissemos-lhes para eles se eram só os 120 que tinham boca para comer ou os filhos dos 120. Estavam cá fora quatro centos e tal homens, perto de quinhentos, que contassem eles quantos filhos eram."

Os polícias vieram mandados pelo patrão

Mulher: "Os polícias já vinham informados de tudo!"

Mulher: "Eles vieram foi mandados por o patrão!"

Mulher: "E depois eles diziam sempre: Oh minhas senhoras, não insistam, vão-se embora, vão para vossas casas que não estão aqui a fazer nada, porque só vão trabalhar os 120 operários. Mas o caso resolve-se se os vossos maridos trouxerem o cartão do Sindicato."

Mulher: "Nós dissemos: 'Nós não saímos daqui, são cinco horas da manhã, nós não saímos daqui sem os nossos maridos virem', porque os nossos maridos estão a chegar. Quando os nossos maridos vierem, nós vamos com eles, ou então fiquemos com eles!"

Mas eles insistiam sempre para ir... Ia to eram seis horas, chega outra brigada ao pé de nós e gritávamos. Estávamos na Vieira, e já se ouviam os gritos aqui na praia, veja lá...

Eles insistiram para irmos embora e perguntaram se estavam operários da fábrica do senhor Feteira. Nós dissemos que não! "Nós somos mulheres dos operários." Diziam eles: "Olhem, vão-se embora, vão dizer aos vossos maridos para trazerem os cartões do Sindicato."

Mulher: "Depois, uma colega minha, prontas pôr-se a gritar: 'E vamos embora, a avisar os nossos maridos'; E vou eu assim: 'Olha, não insistas nem estejas a gritar, nem assim a criticar-te, porque isso não é nada para eles entrarem, isso é só para te acalmarem, para nos calar, porque o teu marido não entra. Não ouviste o outro senhor dizer quando chegou: 'É só para os 120?'".

Os 120 temeram a malta...

Mulher: "Os 120 temeram a malta. Nós na estrada gritávamos, dizíamos que ti -

vessem eles cautela... "Nós não entremos aí dentro da fábrica nas... no caminho... e às vossas portas... vocês podem preparar as costas!"

Mulher: "E era meio-dia quando um senhor do escritório saiu... e foi esse tal que disse que os operários andavam a roubar o patrão desde 1969. Depois o povo levantou-se e carregou sobre ele. A polícia, um senhor dizia que era de choque, com uma bardasca andava a bardascar as mulheres para não chegarem ao pé dele. Houve muitas mulheres que desmaiaram. Depois, esse homem do escritório... a polícia foi levá-lo a casa... e esteve lá ao jantar..."

Mulher: "eram mais de 1000 mulheres."

Não tínhamos medo... nem que a gente morresse, morriamos no campo da honra!

Mulher: "Nesse mesmo dia houve quem nos visse trazer sandes, sopa e outras coisas, a polícia não deixou agarrar nada a ninguém. Começaram a bater, uns batiam de um lado, outros diziam que faziam, outros diziam que aconteciam. E nós com os nervos mas não tínhamos medo deles. Sim, porque nem que a gente morresse. Morriamos no campo da honra."

O Povo de Vieira está todo unido

Operário: "Juntaram-se as mulheres desses operários, outras mulheres, inclusivamente homens que não pertencem à fábrica, a apoiar o pessoal."

Operário: "Se elas não levam comer, elas também não passam fome porque têm-se angariado aí fundos na Vieira, então aqui tinham-nas com comida. O povo de Vieira está todo unido!"

Operário: "A minha mãe vai a pé. Às 5 h da manhã vão-lhe bater à porta a dizer: 'olhe lá, vá chamar fulana, vá chamar fulana.' Quer dizer, andam de porta em porta a chamar umas às outras. Vai a pé e volta novamente a pé, uns três quilómetros."

Operário: "Há malta vinda de todos os casais."

Operário: "desloca-se de todos os lados, de bastante longe. É o caso de Fedeiro à 7 quilómetros."

fecha para uns, fecha para todos!

Mulher: "(nesse mesmo dia)

"Chega lá o cunhado do filho do Sr. Albano e disse: 'Deixem-me entrar que eu tenho uma missão a cumprir aí dentro' e a gente disse: 'Você tem, nossos maridos também têm, por isso, você entra, nossos maridos entram também'. E ele disse: 'Pensem, pensem e pensem 3 vezes'."

Mulher: "E a gente disse: 'Nós já andamos a pensar há 21 dias, fartamo-nos de pensar e as coisas não se resolvem. Só aqui estão dentro os bonitos do patrão e os que não trabalham. Os encarregados não trabalham e esses é que o patrão mandou chamar. É por isso que não vai.'"

Mulher: "E ele disse: 'Lembrem-se se eu aqui não entrar, eu e os meus colegas, isto ao fim de três dias está fechado'. E a gente disse: 'Fecha para uns, fecha para todos.'"

Mulher: "E no sábado foram os encarregados falar com o Sr Albano Tomás Feteira, para ele resolver a coisa, porque eles não podiam estar parados, e ele respondeu-lhes: 'isso é mau, porque perdes as férias, perdes os direitos, vocês não trabalham e por-

que não querem, porque 120 homens podiam ir à violência, porque as mulheres não tinham mais força que os homens. Insistam, vão, vão.' E eles disseram: 'Nós não vamos, preferimos perder os dias a perder o meu corpo.'"

Mulher: "Eles que experimentassem a ir, a ver quem é que tinha mais força, se eram os 120 homens ou se eram as 1000 mulheres!"

Mulher: "Há também um deles, do escritório, que é o Júlio Duarte que insiste, que está sempre a forçar os operários que estão cá da banda de fora para assinarem esse tal dito papel que lá o sr. Albano quer que eles assinem. E esta mulher que aqui está, disse-lhe assim: 'oh sr. Júlio, assine você, que é operário como os outros. O sr. Júlio também ainda não assinou'. E ele disse: 'o papel não tem qualquer maldade'. Mas antes disso, a gente disse-lhe para não entrar, porque não tinha nada a fazer dentro do escritório, e ele respondeu: 'se alguma mulher me bater, leva um tiro!'"

Um por todos, todos por um!

Operário: "A malta está firme. Não quer assinar. Porque eu, por exemplo, que sou um bom operário, ora eu não vou assinar, porque tenho que me lembrar dos outros indivíduos que estão ali, pais de filhos, e onde é que vão parar se eu vou assinar? Portanto: um por todos e todos por um."

Operário: "Isto tudo que ele (Albano Feteira) anda a fazer é para conseguir levar a dele avante, porque já há dois anos aconteceu outra idêntica. Estava para sair o contrato colectivo e então qual foi o furor dele? Foi dar cartas ao pessoal... ora ele deu essas cartas de despedimento aos trabalhadores que tinham pouco tempo de casa, já com o fim de lhes pagar pouca indemnização."

Eu não vou assinar!

Operário: "Eu não vou assinar, porque não vou perder os meus nove anos de casa, com tanto sacrifício que ali andei, acho que o gajo está a roubar esses nove anos de vida, de maneira que não vou entrar como novo, nem que me obriguem, não vou assinar, nem sequer manter a mesma produção desde que o gajo me dê o mesmo ordenado que me está a dar agora."

Operário: "Eu não concordo com a opinião gajo (Tomé Feteira) de maneira que eu não assino."

Operário: "Deu-se o caso de há dois anos, quando ele despediu 400 operários, e, nessa altura, havia uma média de 1100 operários que estavam a dar a produção anual. Ele despediu 400 operários, ficou com uma média de 600 e esses 600 estão a dar tanto como estavam a dar esses 1100 antigamente. Ele despedindo mais, como ele quer, os outros que lá irão ficar, irão dar tanto ou mais do que esses todos que estavam a trabalhar."

Está-nos sempre a esfolar até à última

Operário: "Ele, como patronato, arranja argumentos que 'temos de dar mais senão tem que despedir mais pessoal'. É sempre a base dela. Ameaça-nos com despedimento; então a gente para que isso não vá acontecer, iremos dar mais, calmos na patética de darmos sempre mais, cada vez mais e assim sucessivamente."

Está-nos sempre a esfolar até à última!"

Operário: "Na altura do prémio, para mijar tínhamos uma bacia ao pé e portanto não lámos à casa de banho."

Uma mina de ouro... para o patrão!

Operário: "Sim, a vida dele (o patrão) é o máximo. Paga mal. A ele não falta nada".

Operário: "Paga mal, aquilo para ele é uma mina de ouro".

Evita até os próprios descontos para a Caixa. Isso, posso eu falar de fonte limpa; até o próprio sobrinho ele roubou.

Ele andava a fazer os descontos ao só brincho mas não os enviava para a Caixa, ficava com eles lá na casa. Um dia o sobrinho apertou com ele, foi à Caixa e eles lá disseram-lhe: "como é que ele podia provar aquilo?"

Sem dúvida, provas temos todos, porque temos a ficha que eles nos dão para assinar e trazemos o duplicado para casa. É o sobrinho, que ficou com aquilo, foi apresen-

tar à Caixa.

No fim de apresentar aquilo tudo à Caixa, vem para cá, não é, todo porreiro. Passados dias, vêm aí os fiscais da Caixa e mandam-nos chamar - o que ele (o patrão) disse aos fiscais, o moço não pode dizer porque é mouco. Mas a verdade é que nunca mais se soube de nada e a coisa continua na mesma. Ficou abafado, deve ter passado com uns copos?"

Operário: "Uns copos de bebidas lá entre eles" (os fiscais e o patrão).

A terra da ferrugem

Operário: "A terra tem evoluído tanto quanto a exploração dos patrões tem permitido. Portanto, claro, como a Vieira está dependente de uma entidade patronal, o Albano Tomé Feteira, pois claro que, Vieira foi e será e continuará a ser até este estado de

coisas mudar, a terra da ferrugem".

Não há condições de trabalho.

Operário: "O meu trabalho é vidreiro, no forno. Aquele forno trabalha com uma graduação de 1800 graus. Há indivíduos mesmo chegados ao forno, não há máscaras, não há condições algumas de trabalho, não há protecção alguma.

Se eu quero ter protecção, principal - mente nas minhas mãos (para que não ande com elas em sangue), tenho que comprar luvas a meu custo".

Operário: "Os lucros do patrão, creio que são enormes, porque uma fábrica tão pequenina como aquela é não pode dar tanta coisa assim, sem ser uns lucros mesmo muito elevados".

EXPANSÃO PARA O PATRONATO EXPLORAÇÃO PARA QUEM TRABALHA!

O Povo de Vieira vive dos seus magros salários. São homens, mulheres e crianças que trabalham arduamente para ganhar o pão.

Grande parte dos homens trabalha desde há anos na fábrica de Linas. Segundo as palavras dos próprios operários "Não tem progredido a Vieira, progrediu o Albano Tomé Feteira, que não tem fábricas só em Portugal assim como no estrangeiro (em Barcelona), tendo desde sempre explorado o povo trabalhador".

Depois de 8 horas de trabalho na fábrica (e sempre que o mar o permite) os operários vão deitar ao mar as redes que puxam para terra já durante a noite - umas vezes a braços e outras com juntas de bois - e, de manhãzinha, lá estão eles na fábrica, a trabalhar em condições que obrigam alguns deles a (para manterem a produção e não serem despedidos nem verem diminuído o salário) evitar idas à casa de banho.

As mulheres, saem também logo de manhã para as terras dos arrendadores que correm e após outras, na venda do peixe pescado dia anterior.

Os garotos trabalham, muitos deles logo aos 12 anos, "quando ainda deviam andar a brincar". Praticamente nenhum dos filhos dos operários consegue estudar para além da 4ª classe.

A fábrica de linas tinha em 1971, 1200 empregados. No fim de 71, princípios de 72, altura em que houve os últimos aumentos, foram despedidos cerca de 400, na sua maioria mulheres ou operários mais novos, pois tendo eles menos tempo de trabalho e menor salário, o patronato tem de lhes pagar menos indemnizações.

Com estes despedimentos não houve uma menor produção nem qualquer aperfeiçoamento técnico. A produção continua a ser mantida à custa da intensificação do trabalho, exigida pelo patrão com constantes ameaças de despedimentos.

Dizem os operários - "a fábrica está em expansão... expansão para o patronato, exploração para quem trabalha".

Agora, o Tomé Feteira pretende despedir mais alguns operários, antes da saída do

próximo contrato colectivo de trabalho dos metalúrgicos, sem lhes dar qualquer indemnização. Se o conseguisse, não tardaria vê-lo falar na "bonita" cooperação entre o operariado e o patronato, na necessidade de aumentar os ritmos de trabalho e a produção, em suma, seguir os conselhos do Marcelo que insistentemente convida o povo português a apertar ainda mais o cinto, a aumentar os lucros e manter a ordem dos patrões.

O Feteira apoia-se nas leis corporativas que proíbem a greve, que defendem a exploração do homem.

Dizia-nos uma mulher de Vieira (ex-operária da fábrica, despedida em 71) que as leis só defendem os patrões. Ela, por exemplo, tinha sido condenada a três meses de suspensão de direitos, porque numa altura em que estava com baixa, a fiscalização foi a casa e não a encontrou. Conforme nos disse (e provou em tribunal) tinha ido, com muito esforço, com uma filhita ao oculista comprar uns óculos, receitados pelo médico da caixa. A lei e os tribunais que julgaram esta mulher são os mesmos que agora pretendem despedir com "justa" causa os operários, deixar sem pão 700 lares.

QUEM ESTÁ COM O POVO DE VIEIRA?

Com o Feteira estão as leis e os tribunais. Estão os polícias que à sua chamada a correm prontamente, tentam impor a ordem que a eles convém. Conta-se na vila que ainda há poucos anos quando o Albano Tomé Feteira "não gostava" de alguém na vila ir à polícia e mandava-o prender...

Mas nem as leis nem os tribunais nem os polícias dos vários Feteiras chegarão para que os capitalistas levem a sua vantagem!

Com os operários da Fábrica de Linas está todo o povo pobre e trabalhador de Vieira, pescadores, resinheiros, vendedores de peixe e de fruta, operários e operárias, homens e mulheres para quem a fome não é acidental mas a semente que os irmãos e os fundos na mesma frente de combate.

Com eles estão os povos de Angola. Guí-

ne e Moçambique, seus irmãos na miséria, seus aliados na guerra; com eles estão os camponeses que miram os latifúndios como os operários que nos bairros, nas oficinas, nos caminhos do mar ou nas entranhas da terra, se concentram nas tarefas mais humildes de uma grande tarefa e, em vez de chorar trincam os dentes e lutam, erguendo por toda a parte, onde quer que haja a exploração e a miséria, a bandeira do pão. São os proletários e os Povos oprimidos do Mundo.

Também nós, os estudantes, que na universidade lutamos contra a fome e as prisões de camaradas nossos, contra as expulsões e incorporações na tropa colonial e de saíndo as rajadas de metralhadora exprimimos a nossa firme vontade de servir o Povo e a sua justa causa, alinhamos lado a la-

do com os trabalhadores de Vieira, pois bem sabemos que por muita que seja a brutalidade do Governo na Universidade ela é apenas uma ínfima amostra do terrorismo com que os fascistas respondem às justas aspirações das massas populares. Também sabemos que sózinhos não somos nada, que o povo é que é tudo, nele temos os olhos postos e à sua luta vamos buscar a força e a coragem necessárias para prosseguirmos o nosso combate.

OS ESTUDANTES DO PORTO SABERÃO COMBATER A MILITARIZAÇÃO DAS SUAS ESCOLAS continuação

Medicina

Assim quando foi aprovado por exemplo, em RGA o boicote à compra de artigos do BAR a recusa à chamada e a imposição dos estudantes suspensos nas aulas, estes senhores surgiram logo no dia seguinte com enormes cartazes em que dizendo que a decisão era "minoritária" que era preciso "evitar que o movimento fosse controlado por um pequeno grupo" lançaram um abaixo-assinado para convocar nova RGA onde fossem "rectificadas" as decisões da anterior.

Ao mesmo tempo que nos piquetes, espalhavam a confusão e o derrotismo dizendo aos estudantes coisas como:
- "ó pá, tu deves fazer greve, porque foi decidido em RGA, mas também acho que isto não dá resultado".

Já no 18 período, no ponto mais aceso da luta fizeram um abaixo-assinado ao ministro a pedir que ele retirasse a polícia da Faculdade, quando defenderam o "diálogo" com o director depois de nesse mesmo dia ele ter mandado prender 7 colegas nossos, enviando-lhe 3 delegados quando consideraram a expulsão violenta de fúria como uma "escaramuça histórica" e a existência de polícia no corredor do CE um "esquerdismo inútil".

Os estudantes de Medicina pela sua própria prática souberam recusar esta maneira de "resolver" as questões, de continuar a luta.

O abaixo-assinado foi para o caixote do lixo, "por não ter assinaturas em número suficiente" e o "diálogo" com o director acabou: ele sentiu na própria pele pelas posições assumidas pelos estudantes que não poderá impunemente chamar a polícia e transferir a Faculdade em quartel.

Se tem sido em Medicina que com mais intensidade se tem abateido a repressão governamental, também nas outras escolas do Porto, os estudantes, seguindo o exemplo dos seus colegas de Medicina, têm sabido enfrentar a militarização das suas escolas.

Belas Artes

Em Belas-Artes quando os estudantes preparavam a projecção de um filme sobre a vida nas aldeias vietnamitas, abaixo dos bombas deamentos americanos, o chefe da secretaria comandando um grupo de continuos-bufos tentou impedi-la, seguindo assim as ordens do reitor. Para isso, não só fecharam todas as salas, como roubaram a máquina de projectar. Perante isto, os estudantes forçaram a entrada nos Anfiteatro e levaram a cabo a sessão cultural em que se projectou e discutiu gravuras sobre a vida e luta do Povo Vietnamita. Decorrido algum tempo os continuos-bufos tentaram fechar os estudantes dentro do Anfiteatro, no que foram impedidos pelo piquete que guardava a porta apesar de alguns estudantes terem sido agredidos e ter sido apreendido um cartaz de um estudante da altura.

secção foi interrompida tendo-se imediata-mente posta em fuga a bufaria. O chefe da secretaria (que tinha sido o primeiro a fugir) apareceu armado com um martelo berrando "eu mato um, eu mato um" logo seguido pela restante bufaria igualmente armados de barras de ferro e brocas. Os estudantes tiveram que abandonar a Faculdade mas, como um dos bufos tentasse perseguir-los saiu-se mal da aventura pois em plena rua lhe foi dada a devida coça. Estas acções do chefe da secretaria e dos continuos-bufos tinham já sido precedidas de acções semelhantes do sub-director que proibia toda a informação na Faculdade arrancava pessoalmente e fazia ameaças de processos disciplinares. Logo a seguir aos factos relatados, o CE da faculdade suspendeu preventivamente 15 estudantes.

Letras

Em Letras, se procediam às votações para a Direcção da AE, a faculdade de Letras vê-se transformada num autentico quartel:

São as sucessivas entradas da polícia, a intervenção dos vigilantes e bufos que arrancam cartazes e comunicados e perseguem os estudantes. É nesta altura que a polícia, comandada pelo capitão Braga (o Maltês lá do Porto), numa das suas constantes invasões identificou dezenas de estudantes tendo sido posteriormente suspensos 13.

Foi levada a cabo uma ampla campanha de informação sobre a situação da escola, com meetings informativos e afixação de cartazes. Alguns cursos estiveram em greve de resposta à situação repressiva que reina na escola.

Toda a desenfreada repressão que se vem abatendo sobre os estudantes do Porto, de modo nenhum conseguiu alcançar os seus objectivos.

O papel cada vez maior que os professores, directores e conselhos escolares têm tido na aplicação das medidas do governo, suspendendo e denunciando a torto e a direito, a presença diária da polícia em Medicina, as frequentes invasões das outras faculdades, contribuem para que cada vez mais os estudantes percam as ilusões (que alguns pseudo-dirigentes se esforçam, como vimos, por manter) sobre quem são as autoridades e que interesses serve este ensino. O constante ataque às instalações associativas e aos estudantes mais conhecidos mostram claramente aos estudantes do Porto a necessidade de fortalecerem uma sólida organização em que um grande número de estudantes participe, única forma de o seu movimento continuar a existir e a fortalecer-se, respondendo eficazmente à repressão governamental.

A militarização que o governo tenta implantar nas escolas do Porto, virá afinal a saldar-se num desmascaramento ainda maior da sua política reaccionária e na continuação e fortalecimento do movimento associativo, como o prova a resposta dos estudantes de Medicina, Letras e Belas-Artes.

Informações de Lisboa Agronomia

Ao mesmo tempo que aumentou o número de bufos que se passeiam nos corredores e vigiam a entrada principal do Instituto, apareceu fechada a porta lateral que dá acesso à cantina. Assim todos os estudantes seriam obrigados a entrar pela porta da frente mais facilmente controlada pela bufaria.

Dia 11 à hora do almoço os estudantes presentes na cantina fizeram um meeting e decidiram deslocar-se (cerca de 60) junto à porta fechada e, com barras de cimento, abriram-na.

Agronomia é neste momento uma das poucas escolas com Associação aberta.

Ao verem que a situação da escola se vinha alterando, que, cada vez mais os estudantes de Agronomia se organizam e lutam impondo na prática a liberdade de informação e reunião, desmascarando o ensino que visa torná-los bons agricultores para nas quintas dos latifundiários estudarem a melhor maneira de aumentar os lucros dos donos das terras à custa do suor dos camponeses, os professores e o director tentam identificar os estudantes mais activos e controlar a escola.

Tentou ainda controlar a entrada no Instituto de estudantes de outras escolas que por terem as suas AAEE fechadas lá se utilizam da aparelhagem técnica associativa. (Está proibida a entrada aos estudantes dos liceus).

Mas tal como não abdicaram de uma informação livre dentro da escola e ao arranque de cartazes pelos continuos responderam afixando mais cartazes, os nossos colegas não permitem que fique justificada a tarefa de intimidação e controle dos estudantes e arrastaram a porta.

Os estudantes de Agronomia sabem que o que se está a passar na sua escola é uma pequena parte do que acontece em toda a Universidade, do que se está a passar em especial, no Técnico (com "choques" permanentes à porta) e em Direito (com os vigilantes dentro da escola), do que acontece no Porto e em Coimbra.

Os estudantes de Agronomia sabem que a resposta a cada uma das tentativas de isolamento e policiamento dos estudantes, da militarização das escolas, não poderá ser a incisão, o desconhecimento das causas que a provocou ou o medo.

ERRATA

ERRATA: na 3.ª coluna pág. 8, 2 parágrafo onde se lê "sem tréguas a todas" deve ler-se: "sem tréguas a todas as manifestações de provocação".

Estudantes Presos

A censura fascista, tudo faz para dificultar o conhecimento sobre o que se passa, nas masmorras da Fide.

Pretende, com isso, que as torturas a que os presos são submetidos e o comportamento que mantêm, nos passem despercebidos.

É nosso dever divulgar informações sobre todos aqueles que, tanto cá fora como em prisão mantêm um comportamento correcto, não colaborando com a Fide.

Foram presos dia 2 de Fevereiro na cidade universitária os estudantes de direito:

- HEITOR DE CARVALHO
- LILIANA
- ANTONIO COTRIM

Estão em caxias e têm tido visitas.

Dia 9 foi preso na rua o colega ANA, de económicas.

JOSE LANEGO foi preso, pela 3.ª vez, na noite de 14/15 Fevereiro em Coimbra. Está em caxias e foi submetido a 15 dias de tortura de sono e a espancamentos.

SALDANHA SANCHES aguarda julgamento em caxias, não podendo sair com caução; o Ministério público pede uma pena de 5 a 8 anos.

EVELINDA, estudante de letras, foi presa na rua no dia 21.

Em Coimbra foi preso na rua, no dia 20 de Fevereiro o estudante de medicina JOSE DIAS: encontra-se também em caxias.

Já saíram os seguintes estudantes:

- José Firmino (técnico), preso na rua dia 16.

- José Caldeira Duarte (ciências) preso na rua dia 16.

- José Alexandrino (direito), preso na rua dia 21.

Hélia (letras)

- Emanuel (económicas)

- Miguel (económicas), preso na rua dia 21

- e os estudantes dos liceus de Coimbra: José Barbosa e Pedro, ambos presos na rua dia 20 de Fevereiro.

Última hora

No dia 13 foram presos em Coimbra João Lopes (Económicas), Alda (Económicas), Vasconcelos (Direito), Armando (Direito de Coimbra) e Isabel (Farmácia de Coimbra), após terem sido seguidos pela polícia desde Vieira, onde tinham ido entregar o produto de uma colecta feita em Lisboa, de auxílio aos operários que estiveram recentemente em luta.

Informações de Lisboa

Económicas

Copiando os melhores métodos utilizados pelo seu colega Sales Luis do Técnico, o director do ISE (Económicas) Gonçalves de Proença, encerrou mais uma vez os portões da escola, e com eles as instalações associativas, invocando para isso as histórias mirabolantes na circular que enviou para os estudantes, tentando assim arranjar a toda a custo uma justificação para esse encerramento.

Nessa circular o Proença anunciava que a nota de dispensa passaria de 10 para 12; esta medida visa a exigência de ritmos mais intensos de estudo e o aumento da selecção, com o fim de nos transformar em seres acrílicos e fiéis servidores dos interesses da classe dominante, estando assim intimamente ligada ao projecto de reforma que o governo tenta introduzir na Universidade.

No R.G.A., que se realizou logo a seguir, os estudantes decidiram o boicote a todas as formas de avaliação de conhecimentos, não só para exigir a satisfação de reivindicações pedagógicas, (regresso ao 10) como a pretendem os reformistas mas, fundamentalmente, como forma de luta contra a introdução da reforma e contra a militarização das escolas.

RUA COM OS PROVOCADORES DA DIRECÇÃO DA UNICEP

continuação

a" ou da DGS a afirmar que não é a esmagadora maioria dos estudantes que se ergue contra o ensino actual nas suas "minorias agitadoras", "manobras por Pequim ou Moscovo" e "organizações por tenebrosas organizações políticas clandestinas".

É agora a Direcção da Unicep a insistir simpatias políticas de colaboradores associativos e de orientações sindicais!

Se a direcção da Unicep é ou não paga pela Pide, não nos importa agora saber a qual. O que importa é que ela actuou no mesmo sentido que os provocadores (pides) pagos para se introduzirem nas associações da gaia (AAEE e cooperativas, por ex.) e aí tentarem, lançando "biscas", tirando dados de conversas, detectar quais são as simpatias políticas dos elementos mais activos para assim irem completando "dossiers" que possam facilitar futuras prisões.

4. PORQUE É QUE O QUE A DIRECÇÃO DA UNICEP ESCRIVEM É PROVOCACÃO?

Em Portugal, país fascista em que a liberdade de reunião e associação política são um privilégio das classes dirigentes, a perseguição ferocemente por parte da Pide em relação a todas as pessoas que defendam posições políticas contrárias às do governo, não interessa a ninguém andar a afirmar-se como adepto disto ou daquilo. Se o governo tem interesse em conhecer as simpatias políticas das diferentes pessoas.

Para isso o governo infiltra junto de todas as classes e grupos sociais descontentes com o regime fascista agentes seus tendo por objectivo saber quem são as pessoas mais activas no seio dessas classes, que ideias é que elas defendem, com vista a realização de futuras operações policiais que conduzam à prisão das pessoas detectadas.

As organizações democráticas (entre as quais se contam as Associações de Estudantes, as Cooperativas) são locais preferidos pela Pide para a introdução dos seus agentes.

Compreendendo que face às manobras do director fascista Proença, no sentido de militarizar Económicas - e de que são o exemplo o cerco da sala Ribeiro Santos, o recrutamento constante de continuos-bufas, o encerramento arbitrário do I. S. E. e da Associação, a única resposta consequente teria de ser uma resposta global, de todos os estudantes da escola, centenas de estudantes em grossuras os piquetes, usando a arma do boicote!

Ao compreenderem a razão da luta, ao aderirem em grande numero aos piquetes, impedindo que alguém pudesse ser identificado pela burocracia (Proença incluído), não se intimidando com as ameaças do director, nem com as atitudes dos pífios liberais, que pretendiam proteger os furos os estudantes de Económicas recusaram as justificações pedagógicas que os pseudo-dirigentes reformistas apresentavam para o boicote e mostraram a sua firme disposição de continuar a lutar para não permitir que nem uma das manifestações da militarização da Universidade fique de pé!

Os pides são auxiliados nas suas tarefas quer por toda uma corja de indivíduos amantes ou exibicionistas (os quais, para se armarem em "sabichões" se põem a fazer conjecturas sobre as ideias políticas de fulano ou sicrano, e depois vão apresentar as suas conclusões ao grupo de amiguinhos do café, da turma, etc.), quer por dirigentes oportunistas que, como veremos mais adiante, à falta de argumentos, recorrem ao uso da provocação.

Os estudantes devem começar a perceber que todo nefasto é para o movimento associativo serem os agentes policiais como quais quer outras pessoas a proferir tais afirmações.

Daí que devam encarar como provocado - res todos os indivíduos que fazem objectiva mente o jogo da Pide (recebam eles ordenado ou não).

5. SIM À LUTA DE IDEIAS ENTRE OS ESTUDANTES, NÃO AO ENVIO DE PROVOCACÕES PARA A PIDE

Toda a gente sabe que as Associações de Estudantes (AAEE), como estruturas democráticas que são, comportam no seu seio diversas posições sobre a forma de orientar e conduzir a luta associativa dos estudantes. A existência de diferentes orientações (muitas vezes antagónicas) não é em si de forma alguma desvantajosa para os estudantes; é a existência de orientações oportunistas que lhes é prejudicial, e não as divergências em si, como é óbvio.

Como podem os estudantes ir constatar de quais são as linhas associativas prejudiciais e oportunistas? Através da ampla discussão e através dos resultados obtidos ao se orientar o trabalho associativo e a luta dos estudantes desta ou daquela maneira.

Ora aqui é que entra o busfili da questão: é que as orientações oportunistas, quando começam a sentir-se desmascaradas como - gem a transformar a polémica associativa em calúnias e provocações, tentando combater as orientações antagónicas desprestigiando-as "queimando" politicamente os dirigentes e colaboradores que as defendem; e isto das formas mais repugnantes.

Este oportunismo é recebido de braços abertos pela política repressiva do governo. E quando certos elementos "associativos" co-

meçam a dizer aqui e ali em conversas (ou em textos) que X ou Y dirigente associativo (que por coincidência defendem uma linha antagónica...) tem determinada opinião sobre determinado problema político, o governo e os seus esbirros devem pular de alegria pois então esse clima de conversas não aponta a verso que as linhas associativas estão identificadas com posições das tenebrosas organizações clandestinas, com linhas políticas?

E que dizer em especial da FIDE-DGS? Uma vez infiltrada nessas conversas, uma vez de posse dos depoimentos, que forma mais ou menos de basear os seus interrogatórios e fichas sobre "o que se diz" daqui e dali, sobre a pretensa opinião política de dirigentes e colaboradores associativos?

Eis porque os estudantes e as AAEE não podem de modo algum tolerar esse clima irresponsável de calúnias e provocações a seu seio.

6. MAS PORQUE É QUE A DIRECÇÃO DA UNICEP FEZ A PROVOCACÃO QUE REFERIMOS? TRATAR-SE-Á DE UM CASO OCASIONAL, OU ESTA PROVOCACÃO REPRESENTARÁ A EVOLUÇÃO INEVITÁVEL DA ACTUAÇÃO DE UMA DIRECÇÃO REACCIÓNÁRIA? VEJAMOS:

a) A Unicep faz escolha de sócios

A Unicep foi fundada por estudantes em 1964; então apoiava o movimento estudantil e afirmava até que a cooperação com as estruturas associativas era a sua "razão de ser" (in relatório da direcção de 1965).

A partir dos anos 69/70, emveredada por outro caminho; alargou o seu número de sócios, principalmente em direcção às profissões liberais. É a expansão "aberta a todas as camadas sociais" de que falam os dirigentes "unicepistas" de 71.

E, ao mesmo tempo que aceleravam a "expansão", as direcções iniciaram uma política de escolha dos proponentes a sócios que fossem estudantes; impediram "democraticamente" (e recusaram-se a dar explicações da selecção) vários estudantes de serem sócios, em particular se estes no M.A. defendiam posições anti-reformistas.

Em pessoas que por certo na altura jurariam mil vezes serem contra as expulsões de estudantes, o afastamento de dezenas de professores das Universidades portuguesas nos últimos anos, por razões políticas, em pessoas que em palavras denunciavam a rapagem fascista, não deixa de ser curioso que uma vez na direcção da Unicep, ussem métodos de acção (afastamentos arbitrários de sócios, silêncio e abafos de oposição a tais práticas) cuja semelhança com os processos de acção do governo, descritos acima, não escapará a ninguém.

b) A Unicep e a luta contra o decreto 520/71

No "processo das cooperativas" (a luta das cooperativas culturais contra o decreto 520/71 que as extinguiu) a Unicep colocou-se à esmola das decisões do governo e da "misericórdia" que este tivesse face aos abaixo-assinados, telegramas e moções de protesto, que foram os meios de "luta" de que a Unicep, Devir e companhia se serviram para mandar uma posição de colaboracionismo e com promessa com o governo.

c) A Unicep fomenta a cultura reaccionária

Diz a direcção da Unicep que o "Conselho bibliográfico" da Cooperativa (que funciona afastado do controle efectivo dos sócios) tem o dever de exercer uma função crítica no sentido de aconselhar os livros e publicações que considera "fazerem avançar a roda da história" a não promover as que "por todas as formas fazem recuar a mesma roda".

Quem "faz avançar a roda da história", segundo a direcção da Unicep, são os jornais e revistas que vêm defendendo os despedimentos sem justa causa de trabalhadores de organismos corporativos, como a "República" e o "Notícias da Amadora" (N.A.)

RUA COM OS PROVOCADORES DA DIRECÇÃO DA UNICEP

conclusão

(que a Unicep promove). São os jornais e revistas que propagandizam o colonialismo,

como a "República", que ainda recentemente, nas suas listas de "caridade" aos pobres incluía uma oferta de dinheiro em honra dos "heróis de África" e que tem apoiado as posições do assassino colonial Spínola, são os jornais e revistas que censuram e distorcem textos e cartas que lhes são enviados, como o "Notícias da Amadora".

Quem faz "recuar a roda da história" segundo a direcção da Unicep são os "Simplesmente Maria", a "Continuidade", a "Gente", a "Frente", "O Tempo e o Modo" (TM) e o "Comércio do Puncal" (CP) (sic). E como tal para impedir o recuo da (sua) história a direcção da Unicep "não os promove"... O facto de por exemplo o CP ter recentemente denunciado graves irregularidades na condução das Assembleias Gerais dos Bancários (impedimento de falar de quem discordava da direcção, tentativa de suborno da mesa, calúnias, nunca provadas, para "queimar" os divergentes), o facto de o TM e o CP terem criticado como reformista, pacifista e eleitoralista a actuação no passado período eleitoral da oposição democrática, não tem, como é óbvio, nada a ver com a sua "não promoção" pela direcção da Unicep, que afirma que o critério de escolha dos livros e jornais "a promover", "não poderá ser, como é evidente ideológico". Vê-se...

d) A propósito de censuras

Quinze dias depois de lhes ter sido entregue um exemplar do Informação Associativa nº 6, para ser afixado no placard associativo da Cooperativa, a direcção da Unicep ainda estava a "estudar o problema".

Há que saber se no dito placard informativo, ao lado por exemplo de poemas "progressistas" (mas linguas dirão que o poema é no bom estilo dos que aparecem nos jornais de paróquia, da cultura do sacristão, dedicados ao filho do regedor), como o da "Roda Viva", dedicado ao "Cooperativista desconhecido":

"...Abílio Almeida porém
acudindo de repente
quiz frisar ali também
que antes de mim, realmente!"

haverá ou não espaço para se afixar a "Informação Associativa".

Há que saber se a imprensa associativa nomeadamente a "Informação Associativa", para além de ter de vencer os pides e os bufos que roubam molhos, que tentam detectar os estudantes nas distribuições, irá ou não ter de enfrentar a censura da direcção da Unicep. E a censura tanto pode vir de uma recusa à aprovação, como de um adiamento indefinidamente a decisão da direcção. O resultado é o mesmo.

Não se trata de saber se a Direcção da Unicep concorda ou não com o teor da Informação Associativa. Trata-se sim de saber se, num País fascista, os estudantes poderão ter acesso, nos organismos democráticos (cooperativas) à imprensa democrática que a censura férrea do governo ainda não logrou calar e, ajuizando da diversidade de pontos de vista presentes, formarem por si uma opinião, ou se, pelo contrário, a censura do governo se vai acrescentar à censura da Direcção da Unicep, que se arvora o direito de filtrar o que lhe não agrada, de impedir os estudantes de terem acesso a certas opiniões, de moldar e fornecer em pastilhas (de formato único) a única óptica permitida, a sua, a "boa". Trata-se em suma de saber se na Unicep vigora um funcionamento democrático, ou se a Direcção da Unicep lhe impõe um controle "burocrático" e fascista.

De facto, pessoas há que, quer pela experiência histórica existente, quer pela sua experiência actual, sabem perfeitamente que as suas ideias não têm força para se impor como justas. As suas ideias não defendem os interesses do Povo, mas sim os interesses

das classes privilegiadas que desejam ver aumentadas as suas regalias.

Dá que em momentos de aflição, para impedir a sua derrota, utilizem todas as manobras oportunistas possíveis (desde esconder informações aos estudantes, impedindo o seu esclarecimento, a tentativas de impedir estudantes que defendem ideias contrárias às suas de falar, etc.). Em último caso chegam-se mesmo a passar objectivamente para o lado do governo (fazendo com ele uma clara aliança na prática) recorrendo à provocação pidesca.

As pessoas que acreditam na justiça das ideias que defendem não tem o desenvolvimento de um ataque sem tréguas a todas

Isto porque elas sabem que, mau grado todas as indecisões, mau grado todas as fraquezas momentâneas, as suas ideias, porque são justas, acabarão por triunfar. Elas têm a certeza que derrotarão as pessoas que defendem posições diferentes das suas, através do desenvolvimento da luta, colocando-se na primeira fila da luta dos estudantes, traçando uma orientação justa para a luta, explicando-lhes claramente quais as razões dos seus fracassos e das suas vitórias alcançadas num dado momento e organizando-os para novos combates.

Nun momento em que o nosso movimento enfrenta a violência dos pides, da polícia, dos Conselhos Escolares, dos continuos e dos directores, em que com as escolas militarizadas, o governo manda espiar os estudantes, proíbe a informação, impede as reuniões, tenta abrir brechas no nosso movimento para o reduzir a zero, (suspensões, expulsões, prisões dos estudantes mais activos, tentando lançar a descrença e o temor sobre a generalidade dos estudantes), devemos compreender a gravidade ainda maior se possível, de se dar campo à actuação dos provocadores. Pois nós cerramos fileiras para correr com os pides das escolas, para soltar os nossos colegas que a polícia lá vai prender e vamos deixar andar alguns por aí a fazerem as mesmas informações, a atirar as mesmas "bocas" que os tais pides procuram ouvir, e fazem perigar a liberdade dos estudantes mais activos.

HÁ QUE CERRAR FILEIRAS E INTENSIFICAR O COMBATE À REPRESSÃO, IMPONDO O NOSSO MOVIMENTO!

HÁ QUE VARRER SEM PIEDADE DO NOSSO SEIO OS PROVOCADORES, ALIADOS DA REPRESSÃO!

FORA COM OS PROVOCADORES!

PORQUE É PAGO ESTE JORNAL?

Até agora todos nós sabemos ser costume adquirir grátis a imprensa associativa. De facto, até agora, foi possível às Associações de Estudantes manter uma imprensa, não paga. E porque? Porque recebiam subsídios dos centros de subversão do estrangeiro, como diz o governo? Não, o dinheiro que custeava toda a imprensa associativa não vinha de locais obscuros, mas sim, como todos nós sabemos, das quotas dos sócios das AAEE e dos lucros da venda das folhas.

Ultimamente, o governo, à míngua de outros argumentos para combater a nossa luta usa cada vez mais as metralhadoras, a polícia e o encerramento das nossas Associações de forma que, neste momento, em Lisboa há a

penas 2 AAEE abertas, o que diminui a nosso as possibilidades de apoio técnico à imprensa associativa e torna impossível continuar a manter gratuitos os jornais dos estudantes.

A "Frente", essa tribuna de calúnias e provocações ao movimento dos estudantes, é de borla porque tem atrás de si o governo e a Pide, os quais têm fontes de dinheiro bem sujas - o roubo e a exploração de milhões de trabalhadores em Portugal e nas colónias. É por isso que a "Frente" não explica porque é que é de borla, e nós não temos medo de dizer porque é que este jornal tem de ser pago.

São sobejamente do conhecimento de todos nós o chorrilho de falsidades que aparecem nos jornais oficiais sobre as lutas que temos travado, assim como o silêncio ou a informação deturpada sobre acontecimentos, como as lutas dos povos explorados do mundo inteiro (em especial em relação a guerra colonial), bem como o ocultar dos crimes dos exploradores dos povos por esse mundo fora.

É PORQUE QUEREMOS ESTAR CORRECTAMENTE INFORMADOS, PORQUE QUEREMOS SABER TOMAR POSIÇÕES JUSTAS E PROGRESSISTAS, QUE TEMOS DE MANTER A NOSSA IMPRENSA, O QUE DE AGORA EM DIANTE SÓ É POSSÍVEL PAGANDO-A.